

FORMAÇÃO DOCENTE E A INFLUÊNCIA DA CRISTIANIZAÇÃO

IVANILDES MOURA DOS SANTOS¹
ANA ANGÉLICA LEAL BARBOSA²

RESUMO

O presente artigo apresenta um recorte da pesquisa intitulada *Etnicidade e Identidade Cultural: a mitologia dos Orixás, tecendo diálogos por uma educação antirracista*. Objetivou discutir e analisar como a formação continuada e a formação cristianizada das educadoras interferem na prática pedagógica quando o tema é mitologia dos Orixás, tomando como base a interpretação dos aspectos culturais vivenciados a partir de sua docência. Assumimos como formação continuada a participação das professoras nos cursos de extensão ofertados pelo ODEERE/UESB, e a formação cristianizada segundo os trabalhos de pesquisa desenvolvidos pela pesquisadora Marise de Santana. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola, no município de Jequié - Bahia, envolvendo quatro professoras que atuam no 7º ano do Ensino Fundamental II nas áreas de Literatura, História Brasileira, Artes e Cultura Afro Brasileira e Africana. A pesquisa caracteriza - se como qualitativa, com investigação do tipo etnográfica ajustada para a área de educação. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados, o diário de bordo e a entrevista semiestruturada. Os resultados apontaram que as docentes que participaram da formação continuada oferecida no ODEERE destacaram as dificuldades em articular os conteúdos relacionados à mitologia dos Orixás por falta de conhecimento, assim como a alegação de que o curso seria tendencioso. Percebemos, também, que embora esses sujeitos da pesquisa tenham conhecimento sobre a Lei 10.639/03, quando se trata da temática mitologia dos Orixás, as docentes não trabalham em seus respectivos componentes curriculares.

Palavras-chave: formação continuada; cristianização; mitologia dos Orixás. formação cristianizada.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte da pesquisa intitulada "Etnicidade e Identidade Cultural: a mitologia dos Orixás, tecendo diálogos por uma educação antirracista". O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UESB n. 57365922.2.0000.0055 e Parecer 5.423.116). Analisamos como a formação continuada oferecida pelo Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE/UESB) e a formação cristianizada das educadoras interferem na prática pedagógica quando o tema é mitologia dos Orixás, tomando com base a interpretação dos aspectos culturais vivenciados a partir de sua docência. O ODEERE oferece de forma continuada cursos de extensão nas seguintes temáticas: Educação e Cultura Afro-brasileiras, Didática para o Ensino de História e Cultura Africana, Educação e Cultura Indígenas, Educação Escolar Quilombola, Saúde da População Negra e Gênero, Raça e Diversidade Sexual. O curso

¹ Ivanildes Moura dos Santos. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC – UESB. E-mail: vaninha.im96@gmail.com.

² Profa. Dra. Ana Angélica Leal Barbosa. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC/ODEERE/UESB. E-mail: aabarbosa@uesb.br

de especialização Etnicidade, Educação e Decolonialidade, também já formou turmas de especialização em Antropologia com ênfase em culturas Afro-brasileiras. A partir de 2014 foi aprovado pela CAPES o curso de mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Para a pesquisadora Marise de Santana (2017), pensar na formação cristianizada de docentes é pensar nas imposições que se configuraram ao longo de mais de seis séculos no imaginário colonizado a supervalorização de elementos cristãos.

Assim, corroboramos com a Profa. Dra. Marise de Santana (2017, p. 122) a partir do resultado da sua pesquisa, quando confirma que “Os docentes projetam em seu trabalho um discurso, que parte de sua cristianização, por conta de seu referencial de formação cristã”. Assim, a temática deste artigo contribui para um entendimento se quando falamos sobre a mitologia dos Orixás para as docentes indica de certo modo uma reflexão das mesmas para uma educação antirracista. Para Cavalleiro (2001, p. 155) “realizar uma educação antirracista é transformar o cotidiano escolar, fazendo, impreterivelmente, uma reflexão profunda sobre o que sentimos e como agimos diante da diversidade”.

Metodologicamente nos filiamos a uma abordagem qualitativa de pesquisa, com investigação do tipo etnográfica alinhada à área de educação. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados o diário de bordo e a entrevista semiestruturada com as interlocutoras da pesquisa. O lócus de investigação foi uma escola municipal da rede pública de Jequié-BA, envolvendo quatro professoras que atuam no 7º ano do Ensino Fundamental II nas áreas de Literatura, História Brasileira, Arte e Cultura Afro Brasileira e Afticana. Após a transcrição das entrevistas realizamos a análise do conteúdo das falas das entrevistadas, bem como as anotações do diário de bordo. Salientamos que por questões éticas, os nomes das colaboradoras da pesquisa foram preservados, utilizando-se de pseudônimos.

A seguir, apresentamos algumas reflexões acerca da formação docente, destacando as falas das interlocutoras, bem como dando ênfase à importância da referida pesquisa no âmbito dos conhecimentos sobre a mitologia dos Orixás, haja vista a imprescindível contribuição deste tema para a formação continuada dos/as professores/as que atuam na educação básica, de modo que, a partir da apropriação desses conhecimentos, contribuam para uma educação antirracista.

2 FORMAÇÃO DOCENTE E CRISTIANIZAÇÃO: O QUE DIZEM AS INTERLOCUTORAS

O ODEERE é referência quando falamos sobre formação continuada na área de relações étnicas para a cidade de Jequié – Bahia. O Órgão surge de uma

proposta grandiosa, idealizada pela professora Dra. Marise de Santana em (2005). Essa idealização, segundo Santana; Ferreira; Nascimento (2014, p. 19) possibilitou a elaboração de um programa de Políticas de Ações Afirmativas com propostas de cursos para a formação continuada. A Profa. Graça Bispo no período que esteve na Secretaria Municipal de Educação nos fala sobre a importância dessa proposta de formação do ODEERE e de seu apoio para a educação Municipal de Jequié.

O trabalho desenvolvido por essa instituição coloca a UESB na condição de vanguarda no cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Contando com o apoio do ODEERE, o sistema Municipal de Educação de Jequié também se torna pioneiro na região no cumprimento da Lei nº 10.639/03, mediante regulamentação da referida lei por Decreto Municipal e a criação do Núcleo de Educação para a Diversidade Cultural e Étnico-Racial, responsável pela implementação das Diretrizes Curriculares no Município de Jequié (BISPO, 2014, p. 15).

Por conta das Diretrizes Municipais muitos docentes perceberam a necessidade e importância de participar de cursos de formação na área de cultura afro-brasileira, todavia, mesmo sendo necessária a formação na área de cultura afro-brasileira e contando com a formação do ODEERE, alguns professores ainda realçavam suas dificuldades quando o tema oferecido pela formação levava a abordagem acerca dos elementos de matriz africana, principalmente a religiosidade, a qual se remete aos Orixás, divindades sagradas para a religiosidade afro-brasileira. Por isso muitos não participaram.

Entretanto, em alguma situação, como no caso de Dandara, que participou da formação continuada oferecida pelo ODEERE, a opinião é muito positiva quando se fala da mitologia dos Orixás. A mesma se declarou batizada e católica.

É importante destacar que a colaboradora da pesquisa é católica porque muitos desses docentes não participaram do curso por suas convicções religiosas. Santana (2017, p. 118) nos assegura que os ensinamentos tendo como base a visão eurocêntrica cristã provocaram danos às identidades quando transformou os saberes dos povos africanos em saberes do mal, pois essa formação cristianizada está baseada na epistemologia eurocêntrica e provoca sérias implicações na prática docente.

Assim:

[...] As missões Católicas como também as missões Protestantes no Brasil visaram cristianizar os povos considerados pagãos para esfacelar a identidade buscando transformar suas raízes em folk-lore, uma vez que os saberes africanos eram tidos como saberes do mal (SANTANA, 2017, p. 122).

Ainda assim, Dandara sendo católica nos fala sobre o curso de Extensão em Didática para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas que participou no ODEERE e sobre a sua dificuldade de articular a temática que aborda a mitologia dos Orixás na sua prática docente, sugerindo que o curso deva abordar de forma mais específica sobre as “entidades”. Entidades aqui para Dandara são entendidas como a energia mítica religiosa de matriz africana presente nos mitos:

Já tem alguns anos que participei do ODEERE. Eu fiz duas vezes o curso de extensão alias eu fiz três cursos de extensão lá no ODEERE, mas só que com o tempo a gente precisa tá se renovando né? Eu acho que deveria ter mais sobre essas questões, caso de discussões raciais, mas a gente diz porque o que a gente vê, eu acho, a gente vê, um pouco de forma solta entendeu? Eu acho que a gente poderia, eu não sei hoje. Eu tô te dizendo alguma coisa de alguns anos atrás, eu não sei como está sendo trabalhado, mas a gente poder conhecer melhor eu não sei se o tempo é pouco eu não sei, mas eu acho que a gente deveria ver mais sobre essa questão das entidades (DANDARA - 30/05/2022).

Dandara, em outro momento da pesquisa, demonstrou essa dificuldade de articulação sobre as “entidades”, ao mesmo tempo que se sentiu muito despreparada quando na abordagem feita por sua aluna contando o mito de Maria Padilha, ela não soube interagir. Embora ela tenha passado pela formação no ODEERE não ficaram claros os ensinamentos em torno das mitologias dos Orixás.

Entretanto, Dandara exemplifica a mitologia quando na viagem de campo trazia representações simbólicas a exemplo da planta denominada pau – ferro e da Aroeira que possuem significados míticos, mas que tem muita coisa que ela não entende. Por isso ela sugere que mesmo tendo a formação, na área de cultura afro-brasileira e trazendo essas referências acerca dos mitos, há necessidade de saber mais sobre a temática de forma específica, só assim poderá aprimorar mais a sua prática docente.

Quanto a Maria Felipa, a formação continuada do ODEERE não foi relatada de forma positiva. A docente se declara batizada e evangélica. Alegou que desistiu da formação por achar o curso tendencioso.

Eu até iniciei, um curso lá no ODEERE fiquei acho dois meses se não me engano foi dois meses só que eu é.. Tive um momento que não fui eu que quis não quis não quis dar continuidade porque eu achei que em alguns momentos eles estavam sendo tendenciosos e aí como eu estava lá pra conhecer eu queria só o conhecimento. Então assim, eu achei tendencioso aí eu falei não eu nauu naquele momento talvez né? Por falta de maturidade minha talvez ou talvez não ne? Talvez sim ou talvez não, não sei, mas eu achei melhor eu não dar continuidade (MARIA FELIPA - 06/06/2022).

O que podemos perceber na fala de Maria Felipa quando a mesma se refere

ao curso como tendencioso é a presença de conflitos. Santana (2017, p. 119) nos fala que os conflitos que os docentes vivenciam são por conta de suas aprendizagens ao longo da história da educação, sendo essa educação cristã.

A reação conflituosa de Maria Felipa era bastante visível, em todas as vezes que falava da formação no ODEERE parecia ser muito perturbadora para ela. Repetia muitas vezes as palavras afirmando e negando as suas atitudes de forma a duvidar-se de si mesma e ao mesmo tempo querendo se convencer de que fez o certo ao abandonar o curso obedecendo seus valores. Essa sujeição é justamente o que Santana (2017, p. 120) fala sobre a doutrina de obediência e o que Nogueira (2020, p. 411) fala sobre a recusa do modo de ser do outro.

Na doutrina de obediência, ela entrava em desordem com sua Fé, pois estavam presentes no ODEERE os elementos que provocam conflitos nas memórias e elementos simbólicos do legado ancestral mítico e da cultura afro-brasileira.

Quanto à recusa estava explícito no gesto e fala da professora quando repetia: “eu estava lá pra conhecer eu queria só o conhecimento”. Esse “buscar conhecimento” pode ser analisado no viés do racismo epistêmico. Nogueira (2020, p. 55). Santos; Menezes; Nunes (2004, p. 25) nos falam que epistemologia é toda a noção ou idéia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido.

Para Nogueira (2020, p. 55), a problemática epistemológica “[...] também é uma problemática étnico-racial [...]. Segundo o autor, são essas ações racistas que dão corpo à intolerância religiosa no Brasil, empreendendo uma luta contra os saberes de uma ancestralidade negra que vive nos ritos, nas falas, nos mitos, na corporeidade, nas artes e na descendência.

Portanto, recusar ou negar esses conhecimentos oferecidos pelo ODEERE era legitimar essa intolerância, recusando os saberes dessa ancestralidade negra. Pois a recusa, nesse sentido, alegando que só foi buscar conhecimento é também entendida que ela já tinha eleito qual a forma epistêmica deve ser reconhecida como válida e oficial.

A proposta da formação do ODEERE é explicada pelo professor Argolo Neto (2014, p. 90-91).

As propostas pedagógicas dos cursos de extensão inicial resultaram em dez módulos [...]. Linguagens visuais e Cultura, História da África, Antropologia das Populações Afro-brasileiras, Diversidade Linguística dos grupos étnicos e africanos, Didática das relações étnicas, Pedagogia simbólica, Sociologia

dos negros brasileiros, módulo destinado aos eventos do ODEERE e, por fim, a viagem Antropológica (visita a campo).

Mesmo com a grade curricular sendo apresentada no início do curso para que não ficasse nenhuma dúvida acerca da proposta, a professora Maria Felipa alega que para obter a certificação do curso era obrigada a fazer alguma coisa.

Porque assim, pra você conseguir, exemplo pra você conseguir o certificado, você teria que fazer tal coisa então assim, tal coisa, fazer tal coisa, fazer isso, fazer aquilo que eu não ia me sentir confortável e aí se você então assim, o meu objetivo era o conhecimento então assim talvez ao longo do tempo talvez eu pudesse até participar, mas eu não que fosse alguma coisa imposta (MARIA FELIPA - 06/06/2022).

Podemos perceber a luta conflituosa quando Maria Felipa fala que seu objetivo era o conhecimento. Quando questionada sobre esses conhecimentos que ela buscava e se o curso não a proporcionava esse conhecimento, ela afirmou que o curso oferecia conhecimento, mas que para alcançá-lo, afirmou: era obrigado a fazer isso, fazer aquilo e ela não se sentia “confortável”. E esse não confortável que podemos entender como conflitos entre o novo e o que se acredita e afirma como epistemologia “válida.”

Sim, estava proporcionando conhecimento sim, mas é como eu te falei é tinha coisas que você era obrigada a fazer. Então assim, se você desde que seja algo que seja obrigada a você a fazer não você tem que fazer porque você tem que participar, você tem que fazer isso aí eu não me senti confortável naquele momento eu não me senti confortável em dizer sim, então assim, pra eu estar e estar com um pensamento retrógrado com um pensamento eu preferi não da continuidade então assim eu não me senti bem desde o momento em que fui obrigada você é obrigada a estar você é obrigada então, eu não me senti confortável (MARIA FELIPA - 06/06/2022).

Essa epistemologia tida como válida faz com que não se reconheça os ensinamentos da cultura afro-brasileira como necessários para a prática docente, isso fica claro quando Maria Felipa afirma que a mitologia dos Orixás não é inserida como conteúdo de cultura afro-brasileira em suas aulas por não ter conhecimento.

Poderíamos pensar que a formação religiosa da interlocutora impede de perceber os ensinamentos da cultura afro-brasileira como conhecimento, também a impede de ter uma reflexão mais crítica de como se comporta acerca da diversidade, pois, quando se falou da viagem de campo e visita aos espaços sagrados da cultura afro-brasileira, esses conflitos apareceram sem nenhuma ponderação por parte de Maria Felipa.

Sim, e a viagem de pesquisa de campo é foi colocado né? Acho que é rituais né? Momento, ai eu falei assim, é, mas você é obrigada? Sim você é obrigada a estar em cerimônia em tal e tal eu falei assim eu nesse momento eu não talvez pudesse talvez! Sabe? Ao longo do tempo mais aquilo de início para mim foi impactante entendeu? Ai naquele momento riss naquele momento que às vezes eu mudo de opinião mudo de ideias então assim, né posso mudar também posso não né? Mas naquele momento pra mim foi de uma forma que eu não consegui absorver (MARIA FELIPA - 06/06/2022).

Participar das decisões voltadas para valores material e imaterial, inseridos nos conteúdos da cultura afro-brasileira era a dificuldade enfrentada por Maria Felipa durante o curso, porém, a lei além de indicar, reforça a necessidade para minimizar os preconceitos. Santana (2014, p. 64) confirma essa necessidade quando corrobora reafirmando que:

[...] a lei traz contribuições quando se refere a um ensino dos conhecimentos afro-brasileiros, porque enunciam quais conteúdos, de fato, são importantes para reduzir os preconceitos que geram as discriminações entre mim e o outro, na nação brasileira.

Por isso os cursos mantêm a pesquisa em espaços sagrados de valores material e imaterial por considerá-los importantes para reduzir os preconceitos. Durante a visita, alguns professores que participam da formação inicialmente tem resistência a não entrar nesse espaço, mas quando percebem a importância dessa demanda tendem a renunciar a alguns preconceitos por entender esse novo conhecimento como um desafio a ser encarado, ainda que conflituoso, mas de grande aprendizado.

Marise de Santana nos fala sobre os desafios de propor formação nessa área. Sobre a resistência de alguns professores:

Os desafios são muitos e de diferentes ordens. As resistências à proposta se não são mais explícitas, elas ainda existem, de maneira velada e sub-reptícia, dificultando, em algumas situações, o andamento do projeto. Algumas questões são enfrentadas diariamente, tais como continuar o processo de formação dos professores promovendo um aprofundamento ainda maior das temáticas até então discutidas. [...] (FERREIRA; SANTANA; NASCIMENTO, 2014, p. 24).

Buscar uma formação tendo como base só o que se entende como conhecimento válido é um desafio muito grande.

Segundo Nogueira (2020, p. 41) ninguém é naturalmente preconceituoso, toda forma de preconceito emerge de uma postura social, histórica e cultural. Muitos desses educadores se tornaram vítimas de uma educação eurocêntrica e

perversa, agindo em alguns momentos de forma sub-reptício em algumas colocações, por isso, diz Marise de Santana (2014) sobre a formação. “É um desafio em diferentes ordens”, refere-se à resistência dos que não conseguem superar seus medos pelos desafios com o novo.

Para Maria Felipa, esse desafio seria superar esse medo já concebido por uma sociedade que nega sua ancestralidade mítica africana. Podemos pensar que suas atitudes quando busca se afastar desses elementos conflituosos que é o contato com o desconhecido, a visita aos terreiros, tenta resguardar seus elementos identitários já construídos historicamente. Que embora esses elementos estejam sempre em movimento, a troca e circulação dessas informações simbólicos precisam ser consentidos.

A consciência nesse momento precisa ser crítica ao perceber que os elementos que firmaram ou não a identidade vem carregados de simbolismos produzidos ou não e ao perceber esses outros valores identitários estar abertos para vencer os conflitos.

Santana (2017, p. 116) nos fala sobre as identidades que provocam conflitos, mas que também o conflito cria identidade. Ela também nos fala como o protestantismo nos mantém longe dos conflitos que criam identidades.

[...] O protestantismo deve se manter longe de tudo que pode causar conflito e ameaçar a sua identidade. A identidade protestante se valida quando há um afastamento das coisas que o mundo oferece tais como: contato com cultura da cidade englobando os saberes populares, grupos considerados minoritários (prostitutas, homossexuais, candomblé) (SANTANA, 2017, p. 116).

Assim, entendemos que quando Maria Felipa se nega a continuar frequentando o curso de formação, seria para se manter longe de tudo que pudesse lhe provocar conflitos e ameaçar sua identidade.

Outro ponto é a importância da opinião das docentes da pesquisa para a instituição. Dandara, que participou de uma das formações na área de cultura afro-brasileira, sugere um estudo mais específico sobre a mitologia dos Orixás. Maria Felipaa acha a formação tendenciosa, mas faria o curso se for só por conhecimento e não por imposição. Contudo, precisamos salientar de que o curso não é imposto e que tanto Dandara quanto Maria Felipa precisam da formação continuada para suprir a dificuldade em trabalhar os conteúdos. Dandara por conta de desejar mais informações para melhor articular os conteúdos e Maria Felipa pelo impedimento da sua formação que se forjou sob o ensinamento cristão

eurocêntrico.

Observa-se, a partir das falas das interlocutoras, o quão necessário é pensar uma formação continuada docente que prime pelo respeito à diversidade, em que os conteúdos relacionados à história afro-brasileira sejam pensados de maneira a contribuir para uma educação antirracista, respeitando as diversas matizes religiosas do povo brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tratou de evidenciar os resultados parciais de nossa pesquisa cujo objetivo foi discutir e analisar como a formação continuada e a formação cristianizada das educadoras interferem na prática pedagógica quando o tema é mitologia dos Orixás. A partir da questão problema nos propusemos a investigar como a mitologia dos Órixás é trabalhada pelas docentes interlocutoras da pesquisa. As disciplinas envolvidas foram Educação Artística, Literatura e Histórias Brasileiras.

O contexto do racismo institucional atual em que convivemos sugere que essa temática precisa ser abordada, estimulando os docentes para uma reflexão sobre sua formação cristianizada, implicando em suas práticas pedagógicas da docência. Pois, se percebermos a formação do ODEERE como necessária, nos oportunizaremos a repensar as atitudes que por questões históricas, já se tornaram naturalizadas como, por exemplo, o racismo étnico e religioso.

A formação continuada oferecida pelo ODEERE se faz importante e necessária para implementação de políticas afirmativas que desconstruam as concepções baseadas na visão eurocêntrica que surgiram nas falas das docentes, sobretudo Maria Felipa que se declarou evangélica. É perceptível a implicação desses valores cristãos em suas práticas pedagógicas, confirmando assim, a pesquisa da professora Marise de Santana, que tratou dessa influência cristianizada nas práticas pedagógicas de docentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 06 jun. 2022.

NETO, A. A. **ODEERE: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano.** Vitória da Conquista; Edições UESB, 2014.

CAVALLEIRO, E. (org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SANTANA, M. S. *et al.* **ODEERE**: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano. Vitória da Conquista; Edições UESB, 2014

BISPO, M. G. **ODEERE**: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano. Vitória da Conquista; Edições UESB, 2014.

NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2020.

SANTANA, M. de. **ODEERE**: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

SANTANA, M. de. Diferenças, Desigualdades e Educação Escolar: Perspectivas Interculturais. In: RIOS, J. A. V. P. (org.). **Diferenças e desigualdades**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, 2017.